

SE EDUCAR É UM RISCO, O QUE SIGNIFICA EDUCAR? CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DE LUIGI GIUSSANI

José Eduardo Ferreira Santos¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar algumas idéias pedagógicas do livro *Educar é um Risco*, de Luigi Giussani, um dos referenciais pedagógicos das práticas educativas que têm sido realizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que buscam valorizar a cultura local e o aspecto humano da educação. Procuramos neste artigo mapear as concepções educativas contidas no referido livro e extrair considerações pedagógicas que impliquem um novo modo de conceber a educação das classes populares, em diálogo com outros teóricos da educação.

Palavras-chave: Educação. Práticas Pedagógicas. *Educar é um Risco*. Luigi Giussani.

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar algumas indicações a partir do livro *Educar é um Risco*, (2004), de Luigi Giussani, autor cuja obra começa a se tornar conhecida no Brasil, e cuja nota dominante reverte-se numa insistência sobre a centralidade da pessoa no processo educativo.

Educar é um Risco tem se tornado uma referência pedagógica na formação de educadores de crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial

Propôs-se a análise dessa obra, querendo, antes de tudo, abrir um diálogo no âmbito educacional brasileiro, trazendo a contribuição desse autor, que tem sido utilizado como referência nas práticas pedagógicas realizadas no Brasil. Autor que tem sido referência, também, em diversos momentos de formação de educadores em instituições localizadas na área da Península de Itapagipe e do Subúrbio Ferroviário de Salvador, o que nos tem possibilitado propor algumas reflexões referentes ao ato de educar.

I – Considerações sobre Educar é um risco: como criação de personalidade e de história

Quem é Luigi Giussani?

Luigi Giussani é um sacerdote italiano que nasceu em Desio, na Itália, em 1922, e que por mais de três décadas dedicou-se ao ensino de jovens e adultos em escolas de Ensino Médio e na Universidade.

Carregado de fascínio pela humanidade, ele apresentou ao longo de sua vida um grande interesse por todas as criações humanas, pois sabia reconhecer traços de identidade e de beleza em todas as culturas. Isso o aproximou das mais diversas culturas e pessoas de todas as partes do mundo.

Luigi Giussani faleceu em 22 de fevereiro de 2005, em Milão, Itália. Tive a oportunidade de conhecê-lo em agosto de 2004, e fui por ele provocado a não deixar morrer a beleza da cultura brasileira, à qual tanto amava e conhecia, por ter vindo por muitos anos sistematicamente ao Brasil encontrar os tantos amigos que aqui tinha.

Educar é um risco, como criação de personalidade e de história

A síntese das concepções de Giussani sobre educação encontra-se no livro *Educar é um Risco*, que foi publicado originalmente em língua italiana, com o título *Il Rischio Educativo* (1995), que reúne artigos de 1963 a 1995.

A obra foi traduzida no Brasil no ano 2000, pela editora Companhia Ilimitada, e se encontra em nova edição (2004) pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC).

Nela o autor comunica sua experiência como educador e propõe alguns conceitos-chave daquilo que vem a ser a sua forma de conceber a educação.

O caráter de valorização da experiência se apresenta como um imperativo importante para quem se colocou o problema da educação, pois na experiência vivida, refletida e discutida (práxis), o conhecimento dela derivado pode ser comunicado aos outros.

Uma contribuição dada pelo autor valoriza e recoloca o problema do educador enquanto ser em desenvolvimento, ou seja, enquanto “eterno aprendiz”, cuja tarefa se relaciona com os níveis técnicos e humanos e o educando como uma personalidade ativa, para quem o conhecimento deve fazer sentido. Isto é, deve corresponder às expectativas do educando, valorizando-se atitudes como a crítica e a problematização, o que coloca tanto o educador quanto o educando com definidos papéis, numa comunicação dialógica, cujo fim é uma transformação de si e da realidade.

Dividido em três partes, o livro aprofunda os diversos aspectos que envolvem a educação.

Na primeira, são levantados pontos referentes ao método educativo, sua dimensão pessoal e comunitária; as dinâmicas e fatores do acontecimento educativo e questões relacionadas à crise e diálogo.

Na segunda parte, aparecem delineadas questões como a autoridade, os responsáveis pela educação e a presença.

Por fim, na terceira parte, o autor aborda questões referentes à família, ao papel do adulto, à educação da liberdade e o que é a educação.

Aspectos humanos da prática pedagógica de Luigi Giussani

Da prática pedagógica e reflexões de Luigi Giussani emergiram um número considerável de artigos e livros cuja tônica pautou-se constantemente pela emergência de uma educação voltada ao humano, levando em conta, sempre, questões como a liberdade e o interesse pela realidade.

Dono de uma produção cultural vastíssima, a educação tem centralidade em seus escritos. Esse seu interesse particular pela educação, perseguido durante toda a sua vida, pode ser expresso em suas palavras: “A idéia fundamental de uma educação voltada para os jovens vem do fato de que através deles se reconstrói uma sociedade; por isso, o grande problema da sociedade é, antes de mais nada, educar os jovens (o contrário daquilo que acontece hoje)” (Giussani, 2004, p.13).

Como se pode perceber, a educação dos jovens vai ser uma temática recorrente em muitos dos seus escritos. É importante dizer que a partir desse interesse o autor propõe uma redefinição do conceito de educação que, antes de ser voltada para técnicas e métodos (que não são descartados), pretende recompor o humano:

O tema principal para nós é a educação: como nos educar, em que consiste e como se desenvolve uma educação que seja verdadeira, ou seja, correspondente ao humano. Educação, portanto, do humano, do original que está em nós, que em cada um se desdobra de forma diferente, ainda que, substancial e fundamentalmente, o coração seja sempre o mesmo (GIUSSANI, 2004, p.13).

Aparece aqui um importante traço de sua concepção educativa: a unidade entre as pessoas, que cada vez mais vem sendo substituída por visões que valorizam as competências, o mercado e a colonização cultural, ou mesmo a prática pedagógica alienada, que não leva em conta o elemento humano. Posturas que levam à fragmentação do sujeito, em detrimento daquilo que é um ponto de unidade entre os seres humanos, que é o coração, a experiência elementar, encontrados em todas as pessoas, também denominado de exigências, desejos e a busca infinita de realizações.

Todas as experiências da minha humanidade e da minha personalidade passam pelo crivo de uma ‘experiência original’, primordial, que constitui o meu rosto ao confrontar-me com tudo. Aquilo que cada homem tem o direito e o dever de aprender é a possibilidade e o hábito de comparar cada proposta com esta sua ‘experiência elementar’. [Em que consiste?] Trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe. [...] A elas podem ser dados muitos nomes, através de diversas expressões, como: exigência de felicidade, exigência de verdade, exigência de justiça [...] (Giussani, 2000, p.24).

Para Giussani, o que une a todos é a “experiência elementar”, a existência de um mesmo coração – entendido aqui como a síntese de todas as exigências e de toda a busca humana, apesar da variedade de culturas nas quais estão inseridos.

Para ele “De fato, na variedade das expressões, das culturas e dos costumes, o coração do homem é um: o meu coração é o seu coração, e é o mesmo coração de quem vive longe de nós, em outros países ou continentes” (GIUSSANI, 2004, p.13).

O aspecto acima levantado é paradigmático para a educação, pois supera, de chofre, as formas de educação que primam por aspectos técnicos e que não levam em conta que cada educando é, antes de tudo, uma expressão total do humano. Para responder a essa expressão, a educação deve ser concebida para responder à pessoa em qualquer circunstância em que ela se encontra, não partindo de uma negação do humano, mas do que há em comum entre todas as pessoas: suas exigências, seus desejos de realização, sua necessidade de belo.

Nesse sentido, o educador e a instituição educativa devem reconhecer, antes, que educar é educar ao humano, respeitando as singularidades e circunstâncias.

Dois conceitos de educação em Educar é um Risco: “introdução à realidade total” e “comunicação de si”

Duas formulações referentes à educação aparecem como marcadores do pensamento de Giussani, que aqui sublinhamos pelo fato de elas retomarem o diálogo e o agir comunicativo dentro da relação educativa.

a) Educação como “introdução à realidade total”

Educação como “introdução à realidade total” é a primeira grande formulação do autor sobre o ato de educar. Explicitando de modo mais detido o conceito, Giussani afirma que “a palavra ‘realidade’ está para a palavra ‘educação’ assim como a meta está para o caminho” (GIUSSANI, 2004, p.47).

O interesse pela realidade aparece como pressuposto metodológico para o educador. Para educar é necessário conhecer e se relacionar com a totalidade da realidade. Mas, para conhecer o que significa educar, o educador deve ser capaz de se dar conta, de forma pontual, de quem é o educando, qual o contexto onde está inserido, qual sua fase de desenvolvimento e qual a melhor forma de aprendizagem.

Como concepção de educação, esse conceito parece indicar que o educador necessita abraçar o conhecimento existente para se relacionar com os educandos, o que demanda interesse por aspectos importantes do desenvolvimento humano.

Para ele a “[...] educação significa, com efeito, o desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até a sua realização integral, e, ao mesmo tempo, a afirmação de todas as possibilidades de conexão ativa daquelas estruturas com a realidade” (GIUSSANI, 2004, p.47).

A concepção educativa deve valorizar os diversos aspectos pertinentes ao desenvolvimento humano, nos contextos existentes, reconhecendo a dinâmica na qual a pessoa está inserida.

O ato educativo necessita centrar a atenção nos aspectos mais prementes e atuais do desenvolvimento humano em contexto, pois o autor acredita que:

[...] a educação possui tanto mais valor quanto mais obedece a essa realidade, isto é, quanto mais lhe sugere atenção, quanto mais respeita até as suas mínimas indicações; em primeiro lugar, a originária necessidade de dependência e a paciência evolutiva. (GIUSSANI, 2004, p.48).

Para educar é necessária uma atenção ao educando e ao contexto de desenvolvimento da pessoa, suas peculiaridades “evolutivas”, a etapa

específica de desenvolvimento. Com isso Giussani acentua a importância do conhecimento da realidade dos educandos, por parte dos educadores, que podem valer-se das teorias psico-educativas do desenvolvimento – quer seja em situações de risco psicossocial ou desenvolvimento normativo do indivíduo – como uma lente de aproximação da realidade. Podem também se valer, nesse ínterim, de diversos teóricos, sem deixar, no entanto, de encontrar os educandos, pois o encontro é a forma humana de educar e introduzir à realidade total, que significa estar atento ao risco que é educar e, mesmo, à liberdade do educando.

O objetivo da educação é formar um homem novo; portanto, os fatores ativos da educação devem tender a fazer com que o educando aja cada vez mais por si mesmo, e sempre mais por si enfrente o ambiente. É preciso então, de um lado, colocá-lo constantemente em contato com todos os fatores do ambiente; de outro, deixar-lhe a responsabilidade da escolha, seguindo uma linha evolutiva determinada pela consciência de que o jovem deverá chegar a ser capaz de, perante tudo, ‘fazer por si’. (GIUSSANI, 2004, p.72).

É pela introdução à realidade total que o educando vai, paulatinamente, adquirindo as certezas e as hipóteses de enfrentamento da realidade. Essas conquistas são feitas não na solidão, mas dentro de um percurso educativo, guiado pelo educador, o que vai gerando no educando atitudes como a crítica e a autonomia, que são conquistadas por uma relação de diálogo e companhia.

A introdução à realidade total é o pleno desenvolvimento das capacidades da pessoa que, por meio dos modelos, vai estruturando o seu modo de estar no mundo.

b) Educação como “comunicação de si”

A comunicação é o meio propício para o estabelecimento da relação educativa. Comunicar é um ato dialógico, um encontro de experiências assimétricas, gerando novos conhecimentos a partir da interação. A comunicação é a forma, por excelência, de transmissão da cultura.

Quando nos comunicamos oferecemos aos outros aquele patrimônio cultural e existencial que foi sendo construído no decorrer da vida.

Para falar da educação como comunicação de si o autor utiliza, metaforicamente, a imagem materna como símbolo de uma educação voltada ao humano.

A partir dessa indicação o autor sintetiza o que significa a educação como comunicação de si:

Educar é comunicar a si mesmo. Não é possível arrancar completamente da imagem de educação a imagem de uma mãe com seu filho pequeno, porque não se trata de uma analogia longínqua; é uma realidade idêntica: somente no amor, somente da afeição nasce uma educação. O verdadeiro motivo da comunicação é uma afeição: pode se dizer que a afeição para com aqueles que vivem conosco é uma modalidade de relação com o real. [...] A educação é uma comunicação de si, isto é, do próprio modo de se relacionar com o real. O homem, de fato, é uma modalidade viva de relação com o real. A relação com o real começa como percepção, como sentimento, como fascínio, como projeto que a atração convida a fazer e como energia de ligação e de manipulação, como modo de tocar, de usar e de transformar esse real. (GIUSSANI, 2004, p.122).

Desse conceito deriva a percepção de uma educação onde o sujeito é um ser inteiramente atraído, tocado pela realidade, pelo contexto que o envolve, exercendo um fascínio, daí surge a necessidade de usar, transformar e se relacionar com a realidade.

Uma observação pertinente diz respeito à diferenciação das especificidades da relação natural (no caso da metáfora do amor materno) e da relação pedagógica. A relação natural aparece como aquela cujos laços sanguíneos ou de parentesco dão a tônica de uma educação familiar e de cuidados.

A relação pedagógica é aquela cujos fins são determinados por um contexto de introdução do educando nos conteúdos e nas normas da educação escolar, gerando uma postura de crítica e de aprendizagem.

A cultura como valorização do pertencimento a um povo e uma história

Um aspecto importante da educação presente em Educar é um Risco é a valorização da cultura, essa obra do gênio humano que traz em si a comunicação de experiências e abre o horizonte daqueles que a encontram.

A cultura é entendida como a “explicitação de um pertencimento” (GIUSSANI, 1998, p.250), de modo que a prática pedagógica deve levar em conta aspectos culturais do povo de origem, ao qual pertencem os educadores e educandos.

Em nosso caso, essa proposição tem servido para aprofundar o reconhecimento e a busca das tradições populares fomentadas na cultura do povo baiano, como tem sido explicitado em artigos e livros sobre a Folia de Reis, sambas de roda e mesmo a história do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SANTOS, 2003; 2004; 2005).

Ao mesmo tempo em que nos oferece o conceito de cultura, o autor nos apresenta uma concepção de tradição, como o patrimônio cultural necessário para seguir em frente. A cultura, para Giussani, é

[...] aquele dado originário, com toda a estrutura de valores e de significados em que o jovem nasceu, devemos dizer que a primeira diretriz para uma educação da adolescência é a adesão leal a essa ‘tradição’ [pois a mesma se configura como uma] hipótese explicativa da realidade (GIUSSANI, 2004, p.49).

A contribuição de Giussani mostra-se em consonância com o que os Parâmetros Curriculares Nacionais denominam de “pluralidade cultural”, preconizando a utilização, nos espaços educativos, das formas e manifestações da cultura.

Em nosso caso, essa proposição tem servido para aprofundar o

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades sócio-econômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileiras, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o

Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. [...] Pluralidade Cultural quer dizer a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas e diversas de ser humano (BRASIL, 1997, p.19).

Favorecer o senso de pertencimento e a recuperação das tradições populares no âmbito da educação formal vem, de certo modo, na contracorrente homogeneizadora da pós-modernidade, conforme postula Bauman, particularmente falando da transitoriedade dos jovens e da perda dos referenciais ancestrais, restando a eles o desenraizamento como alternativa, pois

[...] [os jovens] estão se movendo porque foram empurrados – tendo sido primeiro desenraizados do lugar perspectivas por uma força sedutora ou propulsora poderosa demais e muitas vezes misteriosa demais para resistir. Para eles, essa angustiante situação é tudo, menos liberdade (BAUMAN, 2001, p.101).

A educação tem a função de estabelecer parâmetros geradores de pertença e mesmo de hipóteses que expliquem a realidade, combatendo, desse modo, uma realidade social que fragmenta e não oferece hipóteses educativas.

Educação como cultura comunicada

Para Giussani, há uma estreita relação entre cultura e educação. A educação coincide com a cultura porque tem uma importante função na relação educativa, enquanto desenvolvimento crítico e sistemático de uma experiência, ou seja,

É o resultado de uma educação como introdução à realidade total pode ser chamado cultura. Definimos a cultura como desenvolvimento crítico e sistemático de uma experiência. A experiência é um acontecimento de abertura à totalidade. Com efeito, a experiência implica sempre uma comparação entre alguma coisa que se prova e aquilo que se considera o ideal último ou o significado último (GIUSSANI, 2004, p.177).

A experiência ocorre a partir do encontro entre o sujeito educativo e a realidade. Desse encontro, se for sistemático e crítico, poderá ocorrer uma transformação – para melhor e mais significativa – tanto para o sujeito quanto para a realidade.

Sendo a cultura é um envolvimento sistemático e crítico do sujeito, aliado à experiência, e à ação sobre a realidade, o desafio que emerge dessa afirmação é que também para o educador a experiência precisa ser considerada numa dimensão dinâmica, crítica e sistemática, diante da qual possa conduzir os educandos num percurso capaz de conferir sentido à cultura e favorecer o encontro deles com a realidade.

Se alguém vive as experiências de forma sistemática e crítica está apto a ser educador. O modo crítico e sistemático de se relacionar com a cultura evita a passividade e a inércia diante do conhecimento.

A família, primeiro sujeito educativo

Em *Educar é um Risco*, a família tem um papel preponderante na educação, aparecendo como o lugar privilegiado, pois é “o primeiro âmbito educativo – com efeito, ela é a primeira estrutura dinâmica na qual a natureza realiza a sua capacidade de geração e de desenvolvimento” (GIUSSANI, 2004, p.183).

É no contexto de desenvolvimento das relações face a face que a criança potencializa as suas capacidades de socialização e é introduzida na realidade. Em um primeiro momento, é a família que indica as hipóteses explicativas às quais, paulatinamente, no processo de desenvolvimento psicossocial, a pessoa vai aprofundando. Na infância, particularmente, a família é a matriz da educação, da socialização e do cuidado.

Na realidade brasileira, com as mudanças das famílias no contexto urbano, pode-se encontrar situações que passam por “rearranjos”, ou novas formas de organização, a fim de se adaptarem aos novos tempos e determinantes culturais e socioeconômicos. Numa estrutura muitas vezes diversa daquela que a sociedade (escola, projetos sociais, educadores, estudiosos, outras pessoas) idealiza (Bastos, Alcântara e Santos, 2002; Petrini, 2003; Alcântara e Bastos, 2003).

A família, assim como se configura, não deve ser tomada enquanto problema pelos educadores, mas como uma possibilidade de favorecer o desenvolvimento e a educação.

A família, enquanto primeiro sujeito educativo, precisa ser afirmada enquanto tal, particularmente aquelas em que crianças e adolescentes vivem em situações de risco e vulnerabilidade, para que novas formas de relacionamento possam ser acionadas.

II – Considerações pedagógicas

A educação se faz a partir de uma prática cotidiana que leva em conta o tripé pedagógico do planejamento, da prática e da avaliação como movimentos e processos cuja síntese pode promover a fomentação de novos conhecimentos significativos.

O planejamento de ensino é uma prática ativa e reflexiva do educador, na qual este vai delineando o ato pedagógico com a sua intencionalidade, fins e objetivos.

Por seu caráter intencional, o planejamento é o momento em que o educador estabelece critérios, hipóteses e objetivos instrucionais, tendo sempre a dimensão da flexibilidade e adaptação à realidade.

[...] a ação de planejar implica a participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino; - deve priorizar a busca da unidade entre teoria e prática; o planejamento deve partir da realidade concreta (aluno, escola, contexto social...) deve estar voltado para atingir o fim mais amplo da educação (LOPES, 1988, p.51).

A prática pedagógica do educador pode ser realizada de modo que no específico, por meio da instrução, que se relaciona com o ensino, atinja-se o todo, isto é, a educação.

Libâneo (1994) assim descreve a relação entre o ensino e a instrução:

A instrução proporciona o domínio dos conhecimentos sistematizados e promove o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos. O ensino corresponde às ações indispensáveis para a realização da instrução; é a atividade conjunta do professor e dos alunos na qual transcorre o processo de transmissão e assimilação e assimilação ativa de conhecimentos, habilidades e hábitos, tendo em vista a instrução e a educação (Libâneo, 1994, p.33).

Desse modo, o ensino e a instrução são movimentos de introdução dos educandos na cultura escolar, que exige a ativação de suas capacidades intelectuais, de conhecimento e de crítica.

Educar significa comunicar um gosto pelas coisas

“Quanto mais a gente ensina,
mais aprende o que ensinou”.

Roberto Mendes e Jorge Portugal, *Filosofia Pura*

O ato de educar nasce da comunicação de um gosto pela cultura e que tanto os educadores quanto os educandos necessitam dessa cultura para se expressar no mundo.

Algumas perguntas podem nascer da prática cotidiana do educador e, entre elas, existem as que abrem os horizontes e movem uma busca com o objetivo de melhor se relacionar com a educação.

Perguntas como: “Como ensino?”, “Só transmito conteúdos?”, “Transmito ou não um fascínio?”, “O que, ou quem me fascina?”, podem ajudar a compreender a educação como uma possibilidade de comunicar um fascínio e um desejo de transformação que pode ser fruto da prática pedagógica.

Quando o educador apresenta fascínio pelo objeto do conhecimento, ele refaz a experiência de aprender ensinando.

Por outro lado, o conceito de educação enquanto “comunicação de si” apresenta um diferencial em relação ao papel do educador como aquele que comunica a riqueza, a beleza e a dinâmica de sua trajetória, comunicando uma experiência e mesmo o gosto pela realidade.

O educador, nesse sentido, ganha uma projeção relevante, mais que a de mediador; ele é uma pessoa que fez um caminho metodológico, educativo e com experiências significativas que são propostas aos educandos.

Assim, o educador é uma pessoa que, motivada pelo ato de introduzir os educandos na realidade, apresenta hipóteses educativas que valorizam o encontro e a descoberta do mundo.

Entre os aspectos humanos e técnicos do educador, destaca-se que este é uma pessoa que tem história de vida, percurso, experiências, limites, possibilidades e exigências. E ainda, tem as perguntas fundamentais e percebe a vida como uma tarefa, diante da qual ele comunica a si

apresentando o mundo e a realidade aos educandos, confrontando-se com o saber que eles trazem, gerando conhecimentos.

O educador favorece o crescimento da esperança no outro e indica como devem ser os relacionamentos com as pessoas e o mundo, propondo uma busca vital, sabendo que toda pessoa busca hipóteses.

Com relação aos aspectos técnicos, o educador possui instrumentos, métodos, técnicas, fins e objetivos pedagógicos; planeja as atividades, atualiza os seus conhecimentos, exige formação profissional continuada, tudo isso para que apareçam no seu exercício cotidiano (de ensinar conteúdos e instruir) referências, ensinando a norma para que os educandos avancem no conhecimento e se realizem no contexto social e cultural.

Desafios e necessidades do educador

Esses pressupostos, contidos nos aspectos humanos e técnicos do educador, apontam para necessidades e desafios diante da tarefa de educar, entre as quais destacam-se as seguintes²:

a) uso inteiro da razão, reconhecendo a experiência e a riqueza que carrega para propor ao outro;

b) ter um espaço de confronto e compartilhamento do que vive;

c) não ficar só, pertencer a um corpo docente;

d) aprofundar os instrumentos do seu trabalho, centrados no tripé pedagógico: planejamento, prática e avaliação;

e) ter formação docente e fazer uso da didática (capacitação técnica), aprimorando a competência para ensinar;

f) ultrapassar a relação natural e estabelecer relações pedagógicas, onde há finalidades e objetivos específicos;

g) mudar a forma do olhar, saindo da negação e afirmando o que há de positivo nos educandos;

h) conhecer o percurso de suas próprias aprendizagens (educador) e do educando;

i) não deixar que o desencanto supere a esperança; aprender a conviver com os novos tempos;

j) ter sempre à frente dos olhos quem despertou o fascínio inicial pela educação;

k) reconhecer sua própria humanidade; preservar o gosto por si, cuidando da sua saúde física e mental.

O professor enquanto educador: profissionalização e formação

A denominação de educador até aqui apresentada não se contrapõe à do professor, com sua função técnica, pelo contrário, ambos se complementam.

A profissionalização e a formação continuada do educador aparecem como importante requisito da prática pedagógica, sem as quais, o professor poderá encontrar dificuldades no exercício da profissão.

A formação adquire, desse modo, uma especificidade concreta, como afirma Libâneo, a partir da didática, que se define como “mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente” (1994, p.28). Ela abrange conhecimentos teóricos e práticos relevantes no exercício da prática pedagógica:

A formação do professor abrange, pois, duas dimensões: a formação teórico-científica, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se e a formação pedagógica, que envolve os conhecimentos da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico social; a formação técnico-prática visando a preparação específica para a docência, incluindo a Didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras (Libâneo, 1994, p.27).

A formação profissional ocupa um lugar central no fazer pedagógico porque possibilita um aggiornamento (ou atualização) dos professores, oferecendo novos referenciais metodológicos que possibilitem a capacitação e a atuação em sala de aula. Essa formação deve seguir, como indicação metodológica, a escuta dos educadores.

Explorando mais detidamente a relação educador-professor, Feracine (1990), reconhece no professor uma importante função social de mudança, o que deixa transparecer a necessidade de ultrapassar a dicotomia entre eles.

O desejo do educador é que exista uma correspondência entre a busca do educando e a cultura, mas para que isto aconteça é necessário ter a

dimensão do despertar o interesse e de se relacionar com o desafio da constatação de que o outro tem seu próprio tempo. Isso sem desprezar a função e a presença do adulto enquanto educador, ou seja, aquele que de forma planejada apresenta o objeto do conhecimento dado pela estrutura escolar, mas que passa pela formulação didática do educador.

A aprendizagem aparece, então, como a correspondência entre uma hipótese nova sobre o mundo e o conhecimento que se dá através da interação do educando com este conhecimento.

Assim, toda educação é – ou deveria ser – uma abertura ao real, diante do qual é preciso entender que a pessoa é, antes de tudo, liberdade.

O professor educando em companhia: *o corpo docente*

Na contramão do que muitas vezes se pensa o adulto não é um ser acabado; é também uma pessoa em desenvolvimento, com responsabilidades e tarefas diante da vida. Assim, considera-se importante que o adulto, professor, cuja função é ensinar, pertença a uma companhia educativa, que pode ser denominada corpo docente.

O corpo docente é uma realidade educativa operativa (isto é, que deve existir e funcionar) para colaborar e compartilhar com os professores as demandas de profissionalização e formação.

Ele pode ser organizado nas instituições de ensino como um espaço de debates, compartilhamento, troca de experiências e estudo. Pode servir tanto para o planejamento do ensino como para o entendimento das realidades psicossociais dos educandos e dos educadores, contando, sempre que possível, com a colaboração de profissionais externos à instituição, que possam discutir e orientar as ações.

O corpo docente pode favorecer o estabelecimento de uma companhia que educa; o lugar onde se aprende a dinâmica do educar, com todos os desafios e demandas que são postos pela contemporaneidade.

Nesse espaço pode existir o estabelecimento de metas e objetivos comuns, favorecendo a unidade do trabalho educativo, respeitando as diversidades existentes.

O estabelecimento do corpo docente na instituição de ensino é uma ajuda concreta para que os professores não exerçam a sua profissão

na solidão, que pode gerar, em curto prazo, um cansaço e estagnação diante das dificuldades.

Nesse sentido, a formação do educador necessita abarcar sua dimensão humana ao mesmo tempo em que aperfeiçoa o seu referencial técnico e teórico, de modo que este possa responder às demandas sempre renovadas, encontradas na relação pedagógica.

O educador pode ser cada vez mais capacitado para a sua tarefa quando se relaciona com uma companhia guiada, um corpo docente, que discute e aperfeiçoa a maneira de educar.

A companhia e o confronto com outros educadores são, por este motivo, premissas importantes no ato de educar.

A sala de aula, lugar de criação de cultura

O espaço de interlocução e de relacionamento, por excelência, para os professores e educandos é a sala de aula.

Sônia Penin (1994) analisa e descreve a aula como espaço de conhecimento e lugar de cultura, ou seja, é nesse lugar delimitado num tempo e num espaço específicos que o professor e os alunos vão delineando tanto o saber quanto o conhecimento sistematizado pela escola, construindo, assim, a cultura escolar.

No espaço da aula dá-se o encontro das várias racionalidades, e o professor,

[...] no exercício da função social que escolheu, vai construindo um conhecimento sobre o ensino, ao mesmo tempo em que pretende compartilhar com os alunos o resultado de sua elaboração a respeito dos saberes e conhecimentos culturais a que tem acesso (Penin, 1994, p.29).

Essa elaboração de conhecimento e cultura compartilhada fornece o elemento substancial da aula, sistematizada pela cultura escolar, o que favorece o seu desenvolvimento: relaciona o “concebido”, planejado pelo professor, e o “vivido” pelos alunos, numa síntese que pode ser descrita como a dinâmica do conhecimento.

Considerando os saberes e favorecendo discussões nas salas de aula, podem ocorrer formas de aprendizagens pautadas pela riqueza do encontro dessas várias racionalidades, o que leva a uma educação mais realista e significativa para ambos agentes da educação.

O diálogo, condição essencial da educação

No espaço da sala de aula, e mesmo em toda relação educativa, o diálogo é um imperativo.

A comunicação, a escuta ativa e a valorização do outro são pontos que devem ser levados em conta em todos os movimentos da educação e da instrução. O diálogo é aquela capacidade de relacionar-se com a alteridade, de forma aberta e consciente.

Tanto Giussani quanto Paulo Freire consideram o diálogo como chave de entendimento que impulsiona a dinâmica propícia à educação.

No diálogo, há o encontro de experiências, histórias e concepções, que geram a transformação do mundo.

Nesse sentido, Paulo Freire define o que é diálogo como:

[...] o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo para designá-lo. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros. Não pode converter-se num simples intercâmbio de idéias, idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre homens que não estão comprometidos nem em chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade. O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens (FREIRE, 1980, p.83).

Giussani, por sua vez, acentuando a reciprocidade e o reconhecimento de si como importantes demarcadores do diálogo, pontua que este realiza-se, também, pela comparação de si com os outros.

A abertura sem limites, que é própria do diálogo como fator evolutivo da pessoa e criador de uma sociedade nova, tem uma importantíssima necessidade: só existe verdadeiro diálogo quando eu tenho consciência de mim. É diálogo se for vivido como comparação entre a proposta do outro e a consciência da proposta que eu represento, que sou eu: quer dizer, será diálogo na medida da maturidade da minha consciência de mim mesmo (Giussani, 2004, p.83-84).

Freire acentua o caráter humanístico do diálogo, preconizando que para exercê-lo é necessária uma fé e um amor pela humanidade:

O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem, fé em seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé em sua vocação de ser mais humano: que não é privilégio de uma elite, mas o direito que nasce com todos os homens. A fé no homem é uma exigência primordial para o diálogo; “o homem do diálogo” crê nos outros homens, mesmo antes de encontrar-se frente a frente com eles. Sem dúvida sua fé não é ingênua. O “homem do diálogo” é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e de transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder (Freire, 1980, p.83-84).

Interessante notar que a crítica assume aqui um papel importante nessa relação dialógica. Giussani afirma que a crítica é a “expressão da genialidade humana que está em nós, uma genialidade totalmente voltada a descobrir o ser, a descobrir os valores” (2004, p.77).

Em síntese, pode-se afirmar que sem a consideração da importância do diálogo, sem essa convivência respeitosa e necessária, a educação pode resvalar na alienação, na relação de opressão, que resulta no não estabelecimento de vínculos, reproduzindo lógicas autoritárias e de dominação.

III - Conclusão

Procurou-se neste artigo fornecer algumas indicações pedagógicas a partir do livro Educar é um Risco, de Luigi Giussani, apresentando uma síntese das idéias do autor sobre a educação e o ato de educar, e apontando considerações pedagógicas que se tem considerado na formação de educadores.

Entre os conceitos mais relevantes abordados destacam-se a necessidade da formação de uma companhia que educa (o corpo docente); a atualização profissional dos educadores; o papel importante do reconhecimento da família como sujeito educativo; a importância da cultura, como elemento de pertencimento e criação de história; a atualização dos professores diante dos desafios impostos pela contemporaneidade no

entendimento das dimensões psicossociais dos educandos; a importância do que significa educar, com seus desafios e necessidades; uma concepção de educação e de instrução (ensino) como partes complementares do ato de educar; a aula como lugar de criação de cultura e conhecimento, e, por fim, a educação como o desafio mais premente da prática pedagógica.

Luigi Giussani é um companheiro de caminho para o profissional da educação. Ele não quer transmitir receitas, mas sim sua experiência, que tem orientado a prática pedagógica de muitos educadores no Brasil e no mundo.

Com ele é possível aprender que o método nasce do encontro com a realidade, que indica como se relacionar com ela, ou seja, o caminho a ser feito durante o caminhar.

Espera-se que essas páginas tenham contribuído para a tarefa dos educadores, sem esquecer, em hipótese alguma, o caminho que fazem.

Nesse sentido, educar é um risco porque é um relacionamento, uma provocação a ir mais adiante, em busca de uma educação de qualidade e que corresponda às exigências daqueles nela envolvidos.

Notas

¹ Pedagogo (UCSal), Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFBA) e Doutor em Saúde Pública (ISC-UFBA), na área de concentração de Ciências Sociais em Saúde. Desenvolve trabalhos referentes à história do Subúrbio Ferroviário de Salvador, situações de vulnerabilidade, violência e risco, com alunos e educadores da referida área. Endereço para correspondência: Rua Nova Esperança, 34 – E, Plataforma, Salvador, Bahia. CEP: 40490-082. E-mails: dinhose@bol.com.br; ferreirasantosenator@gmail.com.

Agradeço a Bethânia de Araújo Almeida pelo apoio e leitura deste artigo.

² Esta síntese foi elaborada pelo autor e apresentada no Seminário “O que significa educar?”, realizado em 30 de abril de 2005, em Salvador.

Referências

ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Estruturas de oportunidade e trajetórias de desenvolvimento da família em um contexto de violência urbana, p.257-269. In: PETRINI, João Carlos; MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de. (Orgs.). **Família XXI: entre pós-modernidade e cristianismo**. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 2003.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; SANTOS, José Eduardo Ferreira. *Novas Famílias Urbanas*. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Trad.: TELLES, André. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**, Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERACINE, Luiz. **O professor como agente de mudança social**. São Paulo: E.P.U., 1990.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintral. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GIUSSANI, Luigi. **Educar é um risco: como criação de personalidade e de história**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

GIUSSANI, Luigi. **O senso religioso**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

GIUSSANI, Luigi. **Vivendo nella carne**. Quasi Tischreden. Milano: BUR, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério 2o grau. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LOPES, Antonia Osima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da educação. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Repensando a didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988. p. 41 – 52.

PENIN, Sonia T. de Sousa. **A aula: espaço de conhecimento**, lugar de cultura. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

PETRINI, João Carlos. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. Práticas pedagógicas, cultura, história e tradição: um relato da experiência educativa em Novos Alagados. **Revista da FAEBA**: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n.19, p.113-133, jan./jun. 2003.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. Leitura e Identidade: leituras sobre a história do Subúrbio Ferroviário de Salvador. **Revista da FAEBA**: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 13, n.21, p.151-161, jan./jun., 2004.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novos Alagados: histórias do povo e do lugar**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

Abstract:

If educating is a risk, what does education mean? Pedagogical considerations coming from Luigi Giussani

The goal of this article is to present some pedagogical ideas extracted from the book entitled “Educating Is a Risk” by Luigi Giussani, one of the pedagogical reference from educative practices that we have accomplished on Salvador’s railway suburb which search for

valorizing the local culture, as well as the human aspect of the education. In this article, we are seeking for delineating the educative conceptions contained in the above-mentioned book, and extract pedagogical considerations that imply a new way to conceive the education of the popular classes, in mutual dialogue with other specialists.

Key words: Education; Pedagogical practices; Educating Is a Risk; Luigi Giussani.

Recebido em agosto de 2009.

Aceito em dezembro de 2009